

DIAGNÓSTICO PRELIMINAR SOBRE A PRESENÇA DE ESTUDOS ETIMOLÓGICOS NO CONTEXTO ESCOLAR

Gabrielle Perotto de Souza¹

Prof^a Dr^a Sabrina Pereira de Abreu²

Resumo:

Este trabalho apresenta algumas reflexões acerca da presença de estudos etimológicos no contexto escolar. Em particular, realiza-se a análise de cinco livros didáticos da 8ª série do ensino fundamental e dois livros didáticos do ensino médio, a fim de verificar se os autores incluem aspectos da informação de natureza etimológica quando tratam dos processos de formação de palavras com radicais eruditos.

Palavras - chave: livros didáticos, etimologia, léxico.

Introdução

Sabe-se que as palavras têm uma origem e não estão em nosso vocabulário gratuitamente. Elas têm uma história sobre sua formação e evolução, história essa muitas vezes desconhecida pelos falantes da língua.

O conhecimento da origem das palavras por parte dos alunos é importante porque os instrumentaliza a fazerem analogias com outras palavras da língua, enriquecendo sua competência lexical. Além disso, os alunos, ao entenderem que as palavras têm uma história, também podem interessar-se pela história das palavras que desconhecem e, a partir daí, dedicarem-se à procura da origem e dos significados das mesmas, ampliando seu vocabulário. Do nosso ponto de vista, cabe à escola o papel de incentivar reflexões etimológicas nos alunos durante a formação básica.

O principal objetivo deste trabalho é verificar, nos livros didáticos utilizados nas escolas e recomendados pelo MEC, se a etimologia das palavras é abordada como um tópico isoladamente, se faz parte do assunto “Processos de Formação de Palavras” ou se não é sequer mencionada.

¹ Pós-graduanda da 4ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

² Professora-orientadora 4ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

Os livros didáticos adotados nas escolas são guias para a sistematização do ensino e, por essa razão, são importantes no processo de ensino-aprendizagem. Nesta perspectiva, acreditamos que os autores desses livros têm a responsabilidade de propiciar aos alunos condições para o enriquecimento do vocabulário.

Procurando-se fazer um diagnóstico preliminar da situação, neste trabalho, serão analisados sete livros didáticos da disciplina de Língua Portuguesa, sendo eles cinco volumes da 8ª série do ensino fundamental e dois do 3º ano do ensino médio. Esse diagnóstico contemplará os seguintes objetivos: verificar os conteúdos abordados no tópico “Formação de Palavras” (em especial radicais eruditos, origem das palavras, história da língua, etc.) e como são propostos exercícios para serem trabalhados em sala de aula. Além disso, verificar-se-á se existe algum capítulo nesses livros que aborde assuntos sobre história da língua, sua origem e a significação das palavras formadoras do nosso léxico.

Também será observado o que os PCN’s de Língua Portuguesa orientam sobre o ensino do léxico português.

1 As palavras e sua origem

O léxico de uma língua de civilização como a portuguesa é um organismo vivo, extremamente complexo na sua composição [...]. Como sucede com o léxico das demais línguas de cultura, nunca será possível reconstituir todas as fases por ele percorridas [...]. (PIEL, 1989, p. 1)

É assim que Joseph-Maria Piel inicia seu texto *Estrutura do léxico português*. E sabe-se que não é uma tarefa fácil descobrir a origem de todas as palavras.

O léxico português, assim como todas as línguas vivas, nunca se mantém estanque, mas evolui constantemente em tempos mais ou menos acelerados. Essa característica pode ser observada de maneira privilegiada principalmente nos países colonizados, onde os colonizadores impuseram a língua de sua terra natal. A língua desses países colonizados apresenta hoje algumas características diferentes daquela que a originou, principalmente em relação ao léxico. É claro que a língua do país colonizador também mudou com o passar do tempo. Nesse contexto, podemos dizer que

se formaram, então, duas línguas distintas, originárias de uma mesma raiz. Como exemplo dessa situação, temos o Brasil e Portugal: palavras que foram criadas no primeiro, com o passar dos anos, não necessariamente entraram no léxico do segundo, apesar de nos dois países a língua oficial ser o português. Por exemplo, temos a palavra *fila* em português brasileiro, e em Portugal, a palavra *bicha* para referir a mesma coisa.

Segundo Piel (1989), a etimologia já não se contenta mais em saber somente a origem das palavras, sua forma atual e seu significado. Está mais interessada em saber sua origem e sua história, sua formação e quais outras línguas a influenciaram. Dar conta desses objetivos é difícil, visto que a origem de determinados elementos (um grande número deles) é duvidosa ou ainda enigmática.

De acordo com Piel (1989), “há algum tempo, soube-se com certeza de que as línguas românicas provinham do latim falado, e a origem do português também foi melhor compreendida (p. 1)”. Primeiramente, é importante saber que o latim apresentava dois aspectos: um *conservador e literário* e outro *progressivo e popular*. Foi esse último que se tornou decisivo na elaboração do léxico românico. O triunfo do cristianismo também trouxe ao léxico alguns termos com significações novas, como *igreja e feira* (este último, para dias da semana).

O léxico do português, diferente das demais línguas, possui um paralelismo com o castelhano (...). No entanto, o léxico português apresenta uma individualidade inconfundível, mesmo comparado com o castelhano. Os falares de Portugal, em regiões limítrofes, revelam uma riqueza e especialização lexical e semântica surpreendentes. Identificam-se muitos neologismos populares da época romana, o que mostra que a romanização nessa região não foi menos eficaz que nas demais. (PIEL, 1989, p.3).

Alguns poucos elementos germânicos também foram importantes no processo de formação do léxico português, como *carpa e coifa, luva, espeto*. Sobre as palavras de origem árabe, Piel afirma que: “Contam-se por várias centenas os vocábulos árabes comuns que o português, antes ainda de merecer esse nome, fez seus, adaptando na medida do possível os sons da língua semita ao sistema fonológico próprio.” (1989, p. 4)

O autor destaca que

A língua portuguesa, entre todas românicas, foi a que tirou maior rendimento, e continua a tirar, desta inesgotável fonte que são as línguas clássicas. O português também se utiliza muito de latinismos que a princípio deveriam pertencer a uma classe mais erudita, e facilmente foram transformados e conseguiram se propagar em uso popular. (PIEL, p.5)

Piel (1989, p. 5 e 6) menciona que

Também foram incorporados no léxico alguns elementos franceses, que acompanharam a história portuguesa desde o princípio. Palavras como *torneio, duque, dama, coragem, linhagem, mensagem, viagem*, entre outras, provieram de vários campos lexicais dessa língua irmã. Outros contribuintes para a expansão do léxico foram as províncias italianas, com *piano, pitoresco e soneto*; espanhola, com *cavalheiro e guerrilha*; inglesa com *bife, clube, lanche*.

O que o português deve a outras línguas além destas é de pouca importância, por isso não será citado nesta apresentação.

2 Ensino da Etimologia

Para Bueno (1944), a “Lexiologia é o estudo do vocábulo em si mesmo, ainda sem relação de dependência alguma com outros na formação da frase” (p.81). O estudo do léxico se faz, então, em cada unidade, cada palavra.

Alguns mecanismos já foram importantes para a evolução da língua e continuam ativos como meios de formação de palavras e construções gramaticais. A palavra ‘etimologia’ pode significar: ‘etimologia’: *etimologia científica* e *etimologia popular*.

De acordo com Ilari (2003),

A *etimologia científica* é o estudo histórico que investiga a origem das palavras. Ela mostra que a forma e sentido que as palavras apresentavam em fases mais antigas da língua tem continuidade com o que as palavras têm hoje. Por exemplo, a palavra *decidir* vem do latim *decidere*, e significava *cortar*. (p. 92)

A mudança de sentido se explica porque, em certo momento, a tomada de decisão foi interpretada como um corte: quem toma uma decisão corta uma parte, exclui alguma coisa.

Ainda conforme Ilari (2003):

[...] a *etimologia popular* é uma prática não científica por meio da qual as pessoas modificam as palavras por conta própria, porque elas imaginam uma definição e origem daquela palavra. Assim, alguém que diga *goscético*, ao invés de *cosmético*, pode dizer por pensar que provém de *gosma*. (p. 93)

O léxico da língua portuguesa do Brasil compreende palavras de várias origens, incorporadas em épocas diferentes. Ilari, assim como Piel (1989), menciona que dentro desse *corpus*, temos palavras de origem latina, grega, germânica, árabe, indígena e africana (p.82). Segundo o autor,

o português recebeu palavras das inúmeras línguas com as quais os portugueses entraram em contato, durante as grandes navegações, bem como das línguas européias e asiáticas dos imigrantes que vieram ao Brasil, a partir das últimas décadas do século XIX. Em todos os tempos, inúmeros “empréstimos” passaram ao português, com inovações técnicas, científicas ou de costumes. (ILARI, p. 82)

Quando se fala da origem das palavras em português, deve-se saber também que muitas delas provêm do próprio idioma, ou seja, de outras palavras já existentes na língua. Foi o caso de *favela*, que, segundo o *Dicionário Etimológico Resumido*, provém de um arbusto que ficava ao alto de um morro, onde famílias de soldados do Rio de Janeiro residiram durante um período. Eles denominaram o morro de *favela* em virtude da árvore que se situava no alto do morro. Como suas instalações eram improvisadas, passou a ser chamado de *favela* o conjunto de habitações populares construídas com material improvisado (Ilari, 2003). Para Carvalho (1974), “numa língua como o português, a maior parte das palavras representam a combinação de dois ou mais significantes mínimos, analiticamente separáveis...” (p.503).

As explanações tecidas até aqui mostram o quão rico é o léxico de nossa língua. E, pensando sobre isso em relação ao ensino, será que esses elementos interessantes e um tanto curiosos têm o seu espaço assegurado nas salas de aula de língua portuguesa?

Os alunos sabem que nossa língua tem uma história e que eles podem conhecê-la? Eles têm acesso a essa informação?

Na próxima seção, veremos o que os oito livros didáticos utilizados nas escolas e autorizados pelo Ministério da Educação dizem sobre esse assunto e como eles tratam a questão da origem e formação do léxico português.

Para a análise dos livros didáticos escolhidos, usaremos os seguintes critérios de identificação:

CRITÉRIOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS LIVROS EXAMINADOS	
TÍTULO, AUTOR, ANO	CÓDIGO
<i>Português Linguagens</i> , de Cereja e Magalhães (2009)	LDF 1
<i>Português Ideias e Linguagens</i> , de Delmanto e Castro (2006)	LDF 2
<i>A aventura da Linguagem</i> , de Travaglia Rocha e Arruda-Fernandes (2009)	LDF 3
<i>Projeto Araribá</i> , Organização da Editora Moderna (2006)	LDF 4
<i>Diálogo</i> , de Beltrão e Gordilho (2009)	LDF 5
<i>Novas Palavras</i> , dos autores Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio (2003)	LDM 1
<i>Português para o Ensino Médio</i> , de Nicola, Floriana e Ernani. (2002)	LDM 2

Os códigos utilizados significam: L = livro; D = didático; M= médio F= fundamental, e o número localiza a obra em uma sequência da análise.

3 Análise do corpus

Como dito, o objetivo deste trabalho é verificar os conteúdos abordados no tópico “Formação de Palavras” (em especial radicais eruditos, origem das palavras,

história da língua, etc.) e como são propostos exercícios para serem trabalhados em sala de aula. Além disso, verificar-se-á se existe algum capítulo nesses livros que trate desses assuntos.

O ensino fundamental, como o próprio nome já diz, é a etapa mais importante da formação do indivíduo. Durante os nove anos em que o aluno fica inserido nesse ambiente de aprendizagem, espera-se que ele conclua o período, dominando grande parte dos saberes básicos e, principalmente, que ele seja um cidadão crítico e consciente. Através desta análise, veremos se alguns dos livros didáticos, muito presentes no dia a dia das salas de aula, estão exercendo seu papel de apoiar e auxiliar no ensino-aprendizagem da formação básica.

Na tabela a seguir, estão expostos os dados colhidos nos livros didáticos pesquisados, os quais constituem a base do diagnóstico que será apresentado na próxima seção.

ENSINO FUNDAMENTAL

Mapeamento de possíveis descritores do tópico “Formação de palavras – radicais eruditos”.

Descritores: 1. Do tema: explicações acerca de radicais, da história, das origens das palavras.

2. Prático: exercício.

3. Existência de um tópico específico sobre origem das palavras.

I T	1 A	1 B	1 C	2	3
<i>LDFI</i>	-	-	Cita que a maioria das palavras provêm do latim.	Os exercícios são produtivos e fazem o aluno chegar a alguma conclusão, pensando.	Não existe um tópico específico para isso, mas com os exercícios ao

					longo do capítulo, vai-se explicando e fazendo o leitor deduzir alguns conceitos.
<i>LDF 2</i>	Existe uma lista dos radicais gregos e outros dos radicais latinos.	-	Nas listas dos radicais, o autor cita o significado de cada um e de onde se originam.	Os exercícios são práticos e simples: o aluno deve dizer o significado dos radicais gregos e latinos, consultando no quadro; identificar aglutinação ou justaposição; formar palavras com radicais gregos e latinos.	-
<i>LDF 3</i>	-	-	-	Os exercícios são extremamente resumidos, limitando-se a derivação e composição, separados em 3 atividades.	-
				Os exercícios	

<i>LDF 4</i>	-	-	-	trabalham muito com anúncios de propaganda e são diversificados.	-
<i>LDF 5</i>	-	-	Existe uma lista bem pequena com algumas palavras e seu país de origem. Ex: canivete - germânica; chá - chinês.	Os exercícios são diversificados, baseados em um texto.	Não são capítulos, mas existem algumas notas sobre a criação de palavras, citando neologismos e arcaísmos.

T= títulos dos livros I= itens a serem analisados

ENSINO MÉDIO

Mapeamento de possíveis descritores do tópico “Formação de Palavras – radicais eruditos”.

Descritores: 1. Do tema: explicações acerca de radicais, da história, das origens das palavras.

2. Prático: exercício.

3. Existência de um tópico específico sobre origem das palavras.

T I	1 A	1 B	1 C	2	3
	Existem listas de radicais	O mais próximo disso	Nas listas dos radicais, o	Os exercícios são	
<i>LDM 1</i>					

	gregos e latinos, assim como prefixos gregos e latinos.	são alguns comentários feitos sobre a diversidade linguística de nosso país.	autor cita o significado de cada um e de onde se originam.	abrangentes, trazendo diversas perspectivas de como analisar as palavras e sua formação.	-
<i>LDM 2</i>	-	Fala sobre níveis de linguagem e diversidade linguística no Brasil.	-	Os exercícios exigem que o aluno pense a respeito do assunto, infira e conclua.	Existe um tópico chamado <i>o léxico</i>

T= títulos dos livros I= itens a serem analisados

4 Diagnóstico da situação

4.1 Ensino fundamental

Como foi dito nas páginas introdutórias, o objetivo deste trabalho é apresentar um diagnóstico inicial acerca dos conteúdos abordados nos livros didáticos sobre o tópico “Formação de palavras”; em especial, radicais eruditos, origem das palavras, história da língua, etc, e como são propostos exercícios para serem trabalhados em sala de aula. Além disso, verificamos se existe algum capítulo nesses livros que contemple esses temas.

Para o levantamento dos dados, foram analisados cinco livros didáticos de 8ª série do Ensino Fundamental e dois livros didáticos, volumes únicos, de Ensino Médio. Os livros de ensino fundamental utilizados foram: *Português Linguagens*, de Cereja e Magalhães (2009); *Português Ideias e Linguagens*, de Delmanto e Castro (2006); *Projeto Araribá*, Organização da Editora Moderna (2006); *A aventura da Linguagem*, de Travaglia Rocha e Arruda-Fernandes (2009); e *Diálogo*, de Beltrão e Gordilho

(2009). Também consultamos os *PCN's de Língua Portuguesa* (1998) para verificar o que dizem sobre o assunto.

No livro LDF 1, o conteúdo 'Estrutura e formação de palavras' está situado em um subitem chamado 'A língua em foco'. Primeiramente, LDF1 traz uma tirinha humorística, fazendo algumas perguntas sobre o seu conteúdo, principalmente para trabalhar as palavras apresentadas: *rinite, tendinite e labirintite*. As perguntas feitas são para que o aluno chegue à conclusão de que a terminação dessas palavras contribui para a sua formação: a terminação *-ite* é relacionada com *inflamação*. Seguindo, apresenta a definição de estrutura e formação de palavras, conceituando morfemas. A estrutura de palavras é composta de radicais, afixos, desinências e vogal temática. No processo de formação de palavras, traz a derivação (prefixal, sufixal, parassintética e regressiva), a composição (por justaposição e aglutinação) e outros processos (onomatopeia e redução). Os exercícios trazem um poema, cujos processos de formação devem ser analisados. Também há atividades chamadas "Estrutura e formação de palavras na construção do texto". Nesta seção, o livro traz uma propaganda para ser analisada, e as perguntas são pertinentes para a construção do significado, que deve ser feita pelo aluno. Além disso, há uma seção chamada 'Semântica e discurso'. Nela, é proposto um exercício que trata da etimologia. O autor apresenta a origem da palavra *salário*, definida pelo dicionário Houaiss. Após, faz uma série de perguntas levando o aluno a pensar sobre o assunto e a chegar a uma conclusão. No entanto, não traz nenhuma informação sobre a história da língua e não incluiu os radicais eruditos nessa seção.

O segundo livro, LDF2, apesar de apresentar como subtítulo 'Reflexão e uso', não traz reflexão, fazendo somente exercícios sistemáticos de identificação de radical, afixos e desinências. As perguntas feitas ao aluno são muito simples, embora se tratando de um livro de 8ª série. Não traz nenhuma informação sobre a formação do léxico, nenhuma curiosidade. As autoras trabalham especificamente com radicais gregos e latinos, como na maioria dos livros existentes, na seção de estrutura e formação de palavras. Nesse livro, não existe um tópico que fale sobre a origem das palavras da língua portuguesa, nem que cite significados de algumas palavras. Também não possui dados sobre a história da língua.

O livro didático LDF4, traz uma proposta que parte de um texto. É apresentado um poema do Carlos Drummond de Andrade e, após, são feitas algumas perguntas para que o aluno chegue a certas conclusões. Partindo daí, os autores explicam o que é

radical, desinências, etc. Os exercícios que seguem são para que o aluno responda a esses conceitos. Porém, ao fim do capítulo, existe uma seção chamada ‘Gramática em contexto’, onde é apresentada uma propaganda seguida de algumas perguntas sobre as palavras utilizadas nela, a intenção de utilizá-las na mensagem publicitária e o tipo de apelo feito nesse texto. A atividade ajuda o aluno a fazer inferências e interpretações, mas, novamente, ela não acrescenta nada sobre formação do léxico, nem vocabulário novo, ou ainda algo que auxilie o aluno a fazer analogia sobre o significado de certas palavras.

No livro LDF5, as autoras, no capítulo de estrutura e formação, apresentam um quadro com algumas palavras de nosso léxico e suas origens, como *banco*, *canivete*, *faísca*, *guerra* - línguas germânicas. Não existe estudo de radicais eruditos nem história da língua. Os exercícios propostos partem de um texto e, deste, são retiradas palavras sobre as quais os alunos devem fazer uma análise para afirmar qual processo de formação essas palavras sofreram. Todos os processos são contemplados. Utilizam-se mensagens publicitárias. Um dado interessante são algumas notas colocadas ao longo da descrição do conteúdo, sobre a criação de palavras. Nessas notas, cita-se o *neologismo* e o *arcaísmo*, e conceituam-se essas palavras. Porém, nesse capítulo de formação, o livro é sucinto demais, e não cita nada sobre a formação do léxico da língua portuguesa.

O último livro didático de ensino fundamental a ser analisado é LDF3. Nele, não se encontra nenhuma informação sobre a formação do léxico, e o assunto sobre formação de palavras é superficialmente trabalhado. Também não há referências sobre radicais eruditos e história da língua, tampouco exercícios que possam ser considerados bons, sendo estes simples e resumidos, apresentando três atividades, relacionadas somente à derivação e à composição.

4.2 Ensino Médio

Para a análise dos livros didáticos do Ensino Médio, foram utilizados os livros *Novas Palavras*, dos autores Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio; e o livro *Português para o Ensino Médio*, de José de Nicola, Floriana Cavallette e Ernani Terra.

No livro LDM1, o assunto ‘Estrutura das palavras’ inicia logo no capítulo três, apresentando uma introdução sobre o conceito de morfologia e o que estuda uma análise morfológica.

O autor explana a estrutura das palavras falando em morfemas e classifica como radical, afixo e desinência. A lista de morfemas gregos e latinos apresentada é maior do que as listas presentes nos livros didáticos do ensino fundamental. Nesse livro, o autor fala, em um pequeno parágrafo, sobre neologismos, conteúdo pesquisado por ele no livro organizado por Nelly Carvalho, *O que é neologismo*. Informações sobre a história da língua não foram encontradas, porém os autores trabalham com o enfoque de diversidade linguística, principalmente priorizando as variedades brasileiras. Sobre origem das palavras, através desse livro só podemos saber quais são derivadas do grego ou do latim. Os exercícios de formação de palavras são abrangentes e, em geral, podem ser considerados bons, pois fazem o aluno pensar acerca de como as palavras analisadas se formaram e ajudam-no a fazer algumas analogias sobre o assunto. Porém, mesmo com toda essa estrutura e conteúdo quase completo em sua obra, os autores não trabalham com absolutamente nada relacionado à formação do léxico, o significado das palavras e assuntos afins.

No livro didático LDM2, o capítulo sobre a ‘Formação de palavras’, com o subtítulo ‘O léxico’, discursa que a língua é um ser dinâmico, e o léxico está sempre em evolução. Apresenta os campos lexicais, citando campo do direito, do futebol, da economia e da medicina, entre outros. Também cita o léxico de alguns autores, como Fernando Pessoa e Machado de Assis. Isso é uma novidade entre todos os livros vistos e analisados até aqui. Não traz listas de radicais eruditos, nem cita a origem das palavras. Os exercícios podem ser considerados bons, pois exigem que o aluno pense a respeito do assunto, infira e conclua como é feito o processo de formação das palavras. Porém, não foram encontradas nesse livro citações do significado das palavras.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), é citado que

deve ser feito um esforço de revisão das práticas de ensino da língua [...] para a admissão das variedades linguísticas próprias dos alunos, e valorização das hipóteses linguísticas elaboradas pelos alunos no processo de reflexão sobre a linguagem e para o trabalho com textos reais. (p. 45)

Sintetizando, os PCN's defendem que devemos nos preocupar com a reflexão do aluno, muito mais do que com o aprendizado sistemático de conteúdos que não façam sentido a ele. No PCN de Língua Portuguesa (1998) ainda consta que “as situações têm como objetivo levar os alunos a pensar sobre a linguagem para poder compreendê-la e utilizá-la apropriadamente às situações e aos propósitos definidos.” (p. 48)

Se os PCN's são os modelos, significa que devem ser seguidos no ensino nacional brasileiro. Mas como sabemos, o que na teoria é bonito e perfeito, na prática não se concretiza, salvas algumas exceções. Pudemos perceber um nítido exemplo dessa não-concretização nos próprios livros didáticos recomendados pelo MEC. Há uma contradição, pois o MEC cria os PCN's, mas os livros que eles aprovam não apresentam atividades que fazem o aluno pensar.

5 Considerações Finais

Ao iniciar este trabalho, havia a esperança de encontrar em algum livro didático o tema desta pesquisa abordado com profundidade. E, ao abrir o primeiro livro selecionado e analisá-lo, as esperanças foram confirmadas porque, no livro LDF1, foi encontrada uma proposta que analisa o léxico. E foi com essa empolgação que a busca nos outros livros se seguiu. Mas, ao olhar cada novo livro, só foram encontradas atividades e conceitos do que estamos acostumados a ver: nenhuma novidade e nada sobre etimologia que cumprisse o objetivo que estava sendo procurado.

Os livros analisados são recomendados pelo Ministério da Educação do Brasil, e não se está afirmando que sejam ruins ou que não tenham validade alguma. A questão é que eles deveriam apresentar um pouco mais do que os livros vêm apresentando há anos, já que o próprio MEC exige que as escolas sejam estimuladoras de pensamentos ao invés de conteudistas.

Mas a principal razão do desejo de ver assuntos dessa natureza nos livros didáticos se dá em virtude de serem considerados importantes para a formação completa dos alunos, de forma geral. Esse tipo de conhecimento instrumentaliza os estudantes a fazerem analogias com outras palavras da língua, enriquecendo sua competência lexical. Além disso, os alunos, ao entenderem que as palavras têm uma história, também podem

interessar-se pela história das palavras que desconhecem e, a partir daí, dedicarem-se a procurar a origem e os significados de outras palavras, ampliando seu vocabulário.

A análise dos livros didáticos foi mostrando-nos que quase nenhum livro é completo por inteiro. Se em uns tinham-se listas de radicais eruditos, com significados e bons exercícios, em outro tínhamos o inverso, ou nele somente se contemplava um dos itens. Os livros que se destacaram foram LDM2 no ensino médio e LDF1 no ensino fundamental. Porém, considerando-se o tópico principal da pesquisa, *a origem das palavras do léxico*, o último foi mais completo.

Com esse diagnóstico, pode-se constatar que há uma lacuna a ser preenchida nos livros didáticos, pois não suprem a necessidade de satisfazer esse conhecimento e de provocar o interesse a esse respeito. Se for importante que os alunos construam seu conhecimento, aumentem seu vocabulário e façam analogias sobre origem, formação e constituição das palavras, então os livros didáticos devem dar conta desse conteúdo também; não de uma forma mecânica, como a maioria de seus conteúdos e exercícios, mas de uma forma reflexiva, que faça o aluno pensar e construir, até chegar a uma conclusão sobre o assunto, como foi a proposta do livro didático LDF1.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Emília; ANTÔNIO, Severino; LEITE, Ricardo; FERREIRA, Mauro. *Novas Palavras*. Português: volume único. 2 ed. São Paulo: FTD, 2003.

BELTRÃO, Elisa Santos; GORDILHO, Tereza Cristina S. *Diálogo: Língua Portuguesa*. 9º ano. Ed. renovada. São Paulo: FTD, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Terezinha Fátima Martins Franco. *Análise da obra didática Português: Linguagens, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães*. Unigranrio. Artigo disponível em:

www.filologia.org.br

BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva e Cia, 1944.

CARVALHO, José G. Herculano de. *Teoria da linguagem: Natureza do fenômeno linguístico e a análise das línguas*. Coimbra: Atlântida, 1974.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português – linguagens*. 9º ano do ensino fundamental. São Paulo: Atual, 2009. (Conforme nova ortografia)

DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. *Português Ideias e Linguagens*. 8ª série. 12 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao Estudo do Léxico: brincando com as palavras*. 2 ed. São Paulo: Contexto. 2003.

MODERNA, Editora: Org. *Projeto Araribá: Português*. 8ª série. São Paulo: Moderna, 2006.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.

PIEL, Joseph Maria. *Origens e estruturação histórica do léxico português, Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: INCM, 1989.

TERRA, Ernani; NICOLA, José De; CAVALLETE, Floriana Toscano. *Português para o ensino médio*. Língua, literatura e produção de textos: volume único. São Paulo: Scipione, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ROCHA, Maura Alves Freitas. ARRUDA-FERNANDES, Vania Maria Bernardes. *A aventura da linguagem: Língua Portuguesa*. 9º ano. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.